

A EXPERIÊNCIA DO BRINCAR NA ESCOLA INFANTIL: NOVOS RUMOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Marta Regina Furlan de Oliveira¹
Jaqueline Delgado Paschoal Paschoal²

Esse estudo tem como objetivo demonstrar a relevância das brincadeiras no processo de inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais, a partir da percepção das professoras de uma escola pública de educação infantil do município de Londrina-Pr. Conhecer a prática de mediação dessas profissionais por meio da linguagem do brincar, se justifica no sentido de contribuir para um novo olhar e o compromisso com a educação inclusiva. Outro fator que justifica essa discussão diz respeito à importância do trabalho pedagógico inclusivo, visto que as leituras e reflexões sobre jogos e brincadeiras possibilitam pensar na ampliação e na complexidade desse tema, uma vez que extrapola a visão simplista e estigmatizante de atividade para passar o tempo da criança, seja em qualquer nível de ensino e, entra na discussão como possibilidade lúdica para a educação inclusiva entre crianças pequenas. Nesse sentido, o problema que norteou a pesquisa, foi: “Qual a contribuição do brincar na aprendizagem de crianças com necessidades educacionais especiais, e qual o papel das professoras nesse processo?”.

Reconhecemos que as crianças são únicas e precisam ser reconhecidas na sua subjetividade, independentemente de suas condições e limitações físicas ou intelectuais, já que elas têm uma leitura singular sobre o mundo que as cercam, além do desenvolvimento e ritmo diferenciado. Sobre essa questão, Vygotsky (2001) afirma que o comportamento da criança com necessidades educacionais especiais é semelhante ao da criança normal, uma vez que os órgãos que lhes faltam são substituídos no processo de acumulação da experiência por outras vias analisadoras, o mais das vezes táteis e motoras. Assim, as brincadeiras possibilitam diferentes aprendizagens como é o caso da interação entre as crianças, principalmente em momentos de brincadeiras de faz de conta, também conhecidas como jogo de papéis, jogo dramático ou jogo protagonizado (MELLO, 2007).

Quando brincam sozinhas ou com outras crianças, imitam a vida cotidiana e expressam as atitudes, os valores, os sentimentos que percebem nas relações entre elas e os adultos. Nesse processo de imitação, atribui significados aos objetos, às relações e aos papéis sociais que vai encontrando nas circunstâncias que vai vivendo (LEONTIEV, 1988).

Vygotsky (2001) afirma que o brincar está relacionado a aprendizagem e ao desenvolvimento das crianças, uma vez que o brinquedo contém todas as formas necessárias para o desenvolvimento dos aspectos afetivos, cognitivos, sociais, físicos e psicomotor e uma grande fonte de desenvolvimento e aprendizado.

Dessa maneira, como metodologia, optamos pela pesquisa bibliográfica a partir dos pressupostos teóricos de Leontiev (1988); Vygotsky (2001); Mello (1999; 2007) e Silva (2003), e pesquisa de campo realizada em uma escola de educação infantil pública. Participaram da pesquisa duas professoras que atuam com quinze crianças de cinco e seis anos de idade, e somente duas dessas, apresentam uma necessidade educacional especial. Uma criança do gênero feminino com paralisia cerebral e outra do gênero masculino com autismo.

Ao serem questionadas sobre as maiores dificuldades no desenvolvimento do trabalho com as crianças, considerando duas especiais, as respostas foram unânimes já que afirmaram que a falta de funcionários especializados e a sobrecarga de trabalho, dificultam o processo de

¹ Universidade Estadual de Londrina. Londrina- PR- Brasil. marta.furlan@yahoo.com.br.

² Universidade Estadual de Londrina. Londrina- PR- Brasil. jaquelinedelgado@uol.com.br.

inclusão dessas crianças. Isso porque, além do esforço físico que fazem ao cuidar das necessidades básicas da criança com paralisia, sobretudo nos momentos de higiene, alimentação e outros cuidados, ainda organizam todas as atividades com as demais crianças no cotidiano da instituição. Além disso, são obrigadas a atenção constante já que a criança com autismo não consegue participar das atividades orientadas por conta da própria condição.

Uma questão mencionada pelas participantes, diz respeito ao envolvimento das crianças nas interações, visto que não há por parte das mesmas rejeição em relação as crianças especiais. Nas atividades lúdicas, principalmente, a inclusão se faz presente já que as crianças procuram acolher e respeitar o ritmo das especiais. Sobre a importância do acolhimento e da escuta do outro, Mello (1999) ressalta que:

A escuta como acolhida do diferente, do valor dos pontos de vista, das interpretações do outro, como expectativa. Escuta como capacidade de respeitar o outro, de fazê-lo sair do anonimato, de dar-lhe visibilidade, enriquecendo quem escuta e quem produz a mensagem (MELLO, 1999 p. 1).

Nesse sentido, o compromisso imprescindível parte do exercício da escuta, que do nosso ponto de vista, não se limita apenas aos momentos planejados para ouvir a criança e suas necessidades e interesses; mas acima de tudo, consiste num dos elementos estruturantes da comunicação humana e da educação, voltadas para uma relação de reciprocidade durante o processo de ensino e aprendizagem das crianças, no caso com necessidades educacionais especiais. A escuta como premissa para cada relação de ensino que se baseia no aprendizado, escuta como capacidade de construir um contexto onde se aprende a escutar, onde o sujeito se sente legitimado a recontar, expressar suas leituras de mundo, seus desejos, suas necessidades, seu modo especial de projetar suas representações sobre determinadas questões, sobre o mundo a sua volta.

As crianças de fato são os maiores escutadores da realidade que os circunda: escutam a vida nas suas formas, sons, cores, escutam os outros, adultos e pares, percebem rapidamente como o ato de escuta (em sentido metafórico: observar, mas também tocar, manusear, experimentar, levar à boca) é um ato fundamental de comunicação que requer certa energia e perseverança, mas que reserva maravilhas, alegrias, surpresas, entusiasmos e paixões (MELLO, 1999 p. 2).

É importante considerar que cada criança tem sua individualidade, seu ritmo, sua subjetividade, sendo fundamentalmente ser reconhecida como pessoa única. Essa afirmativa é coerente para todas as crianças, principalmente àquelas que socialmente são consideradas como imperfeitas ou inválidas para algum tipo de relação (VIGOTSKI, 2001).

Ao perguntarmos sobre as maiores conquistas realizadas no trabalho com as crianças especiais, as participantes destacaram que o desenvolvimento físico, ainda que mais perceptível que o cognitivo, ambos aparecem nos pequenos gestos que as crianças demonstram no cotidiano do trabalho, sobretudo quando mediadas pelas brincadeiras.

Sobre essa questão, enfatizamos que as brincadeiras aliadas à pedagogia da escuta, possibilita às crianças o direito de brincar, de sorrir, de vivenciar situações diversificadas num ambiente prazeroso e afetivamente significativo. Dessa forma, isso só é possível quando “[...] na escola especificamente supera-se na prática pedagógica o conceito estigmatizante de que a criança com deficiência não brinca e ou o brincar é uma boa forma da criança com deficiência passar o tempo” (SILVA, 2003 p. 54).

Essas crenças podem estar relacionadas com o fato de que o brincar da criança com deficiência pode não corresponder às expectativas das pessoas que consideram que esse brincar não é o esperado. Ou o brincar, muitas vezes, é visto como um benefício para os adultos, no sentido de manter as crianças ocupadas (SILVA, 2003 p. 54).

O papel mediador das professoras se torna relevante no sentido de proporcionar os estímulos e adaptações que se façam necessárias nos momentos que envolvem as brincadeiras. Para tanto, faz-se necessário a formação continuada dessas profissionais, para que elas não só reconheçam o papel do lúdico no aprendizado das crianças, mas, que incorpore tais atividades como metodologia de trabalho na educação infantil.

Sobre a busca pela formação em serviço, as participantes mencionaram que a instituição oferece palestras e grupos de estudos de maneira contínua. Temáticas relacionadas à função educativa, rotina, planejamento, inclusão entre outros assuntos são tratados por diferentes profissionais. Isso facilita de certa forma a ação dessas profissionais, já que ao reconhecerem a necessária articulação entre a teoria e a prática, enriquecem o universo de todas as crianças.

É importante a mediação dessas profissionais no sentido de intervirem, auxiliarem nas situações lúdicas, oferecendo um brincar significativo e adequado às limitações das crianças, respeitando as diferenças no coletivo, suas leituras subjetivas do mundo, bem como a própria capacidade individual de ler e agir diante do mundo social exterior.

Assim, essas professoras e outros profissionais envolvidos, devem auxiliar as crianças oferecendo segurança para que possam explorar, com autonomia, o ambiente lúdico, através de algumas ações básicas: adequação física e arquitetônica, ou seja, os equipamentos e espaço da escola devem ser adequados durante o brincar; auxílio dos profissionais da escola quando for preciso; adaptações na brincadeira de forma a contribuir para que a criança, independente da sua deficiência desenvolva a vivência do brincar; adequações corporais e de postura da criança de forma que esta fique numa posição satisfatória e adequada.

Mello (2007, p. 19) afirma que:

[...] de dirigente solitário do trabalho pedagógico e controlador das atividades das crianças, passa a ser um mediador competente e intencional da experiência vivida pelas crianças o que implica em disponibilidade e sensibilidade para ouvir e interpretar as linguagens com as quais as crianças exprimem e comunicam a vida, com as quais a vida se exprime e se comunica nas crianças.

A observação das professoras enquanto as crianças brincam e como estas brincadeiras se desenvolvem, atrelada a compreensão do contexto sociocultural na qual se inserem e a proposta pedagógica da instituição, promovem a aprendizagem de crianças com necessidades educativas especiais e o desenvolvimento de suas diferentes linguagens.

Como resultados da pesquisa as participantes reconhecem a importância das brincadeiras como promotoras da aprendizagem e desenvolvimento das crianças, inclusive daquelas com necessidades especiais. No entanto, ressaltam que a rotina de cuidados relacionados a higiene, alimentação e hora do sono, tomam a maior parte do tempo na organização do trabalho na instituição, dificultando o desenvolvimento de uma proposta lúdica de trabalho. Outra questão é a falta de profissionais especializados da área da educação especial. Ainda assim, as professoras buscam a capacitação em serviço ampliando suas concepções teóricas e práticas de trabalho em favor de atendimento educativo mais acolhedor para a criança de inclusão.

Referências

LEONTIEV, A. Os princípios psicológicos da brincadeira escolar. In: VYGOTSKY, L. S. *et al.* **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução por Maria da Penha Villa Lobos. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988. p. 127-144.

MELLO, S. A. **A escuta visível**. Texto publicado no Boletim Reggio Children, Janeiro de 1999 e traduzido do original de Carla Rinaldi para uso em sala de aula. 1999.

_____. **Conceito de Homem, Infância e Educação**: novas perspectivas para a educação infantil a partir dos fundamentos filosóficos marxianos. Artigo apresentado no I Simpósio Internacional em Educação e Filosofia, Marília: Unesp, 2006. File: //D:\textos\texto_12.htm.

SILVA, Carla Cilene Baptista da. **O lugar do brinquedo e do jogo nas escolas especiais de educação infantil**. 2003. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins, 2001.